

lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste

gustavo simões

“...*Sonhei/que todos os meus dentes tinham caído/mas minha língua vivia ainda/para contar a história*”,¹ escreveu o poeta, editor e pintor Lawrence Ferlinghetti em “autobiografia”, poema publicado em 1958, em *um parque de diversões da cabeça*. O livro, o segundo de poemas próprios, encerrou uma década de inúmeras transformações em sua jovem existência, incluindo a afirmação de uma perspectiva anarquista ainda hoje pouco comentada e estudada.

Apesar de ocultado nas mais recentes notas acerca de sua morte com 101 anos, ocorrida em fevereiro de 2021, o anarquismo de Ferlinghetti está presente explicitamente em sua existência e nas páginas de *um parque de diversões da cabeça*. Para notar a sua verve contestadora basta ler com atenção versos como “*estou esperando pela falência final/ de todos os governos (...) estou esperando/ que as florestas e os animais/ reclamem a terra como sua/ e estou esperando/ que apareça um jeito/ de destruir todos os nacionalismos/ sem*

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais. Contato: gusfsimoes@gmail.com

matar ninguém (...)”,² ou ainda na referência a “*salada de batatas e grânios/ em piqueniques anarquistas*”.³

Ferlinghetti nasceu em 1919, em Nova York. Criado por uma tia, teve passagens por orfanatos e graduou-se em jornalismo nos anos 1930. Com pouco mais de vinte anos, participou da Segunda Guerra a bordo de um submarino. Com o fim do confronto, experiência que marcou o início de um pacifismo e de uma militância antimilitarista radical, concluiu o seu mestrado sobre literatura inglesa na Columbia University, seguido do doutoramento em literatura comparada na Sorbonne, em Paris. Depois do curso na França retornou ao norte da América, desta vez à Califórnia, na costa oeste, momento em que, segundo George Woodcock, o anarquismo se fortalecia fora da Europa ainda devastada pelos conflitos encerrados em 1945.⁴

Em diversas entrevistas, Ferlinghetti conta que se aproximou do pensamento de Kenneth Rexroth e Herbert Read, ambos poetas anarquistas, antes de se dedicar às tarefas de editor e livreiro. Sob efeito de tais leituras, interessou-se em fazer algo parecido com George Whitman, isto é, abrir “um sebo de livros onde eu podia ficar sentado o dia inteiro e rosnar para os clientes”.⁵ Não demorou para que, ainda no início dos anos 1950, com trinta anos de idade e instalado em São Francisco, começasse a frequentar os encontros abertos propostos por Rexroth visando a leituras de poemas e conversas sobre política.

Contudo, foi a amizade com outro escritor, dois anos depois do desembarque em São Francisco, que propiciou a invenção de um espaço vital e transformador da cultura

literária dos anos 1950 e 1960. Pete Martin era o responsável pela edição da *City Lights*, periódico de sociologia, artes e, sobretudo, cinema (o título da publicação é uma referência à película homônima de Charles Chaplin). Do encontro entre ele e Ferlinghetti irrompeu a ideia de uma livraria dedicada a livros de brochura, edições mais baratas e acessíveis, mas raras na época. Assim começou a livraria *City Lights*.

Entretanto, logo no ano seguinte à inauguração, — “Pete tinha tantas ideias que ele pulava para a próxima antes de finalizar a anterior”⁶ — Martin mudou-se para Nova York. “Então comecei a publicar livros”, recordou Ferlinghetti. “Mas foi ideia do Peter — uma ideia brilhante porque não havia livrarias dedicadas a livros de brochuras neste país. O único lugar em que era possível comprar livros de capa mole eram farmácias ou bancas de jornal”.⁷ A relação de amizade entre Martin e Ferlinghetti, a proximidade de ambos com o anarquismo no momento da ampla perseguição macarthista promovida pelo governo estadunidense (entre as guerras da Coreia e do Vietnã), foi uma das características da livraria/editora que mais tarde se tornaria a mais conhecida da costa oeste norte-americana.

Pete Martin era filho de Carlos Tresca, anarquista nascido na Itália. Refugiado nos Estados Unidos desde o início do século XX, Tresca criou periódicos operários, apoiou diretamente as manifestações pró Sacco e Vanzetti nos anos 1920, organizou apoios aos revolucionários espanhóis libertários em meados da década de 1930. Em decorrência da agitação, era considerado, mesmo à distância, um dos maiores inimigos de Mussolini. Foi executado em Nova York com um tiro na cabeça,

em 1943. Ao recordar da importância de Tresca para a construção da City, Ferlinghetti declarou: “nossa loja teve uma base anarquista desde o início. Nós vendíamos jornais anarquistas italianos e eu lembro que uma das pessoas que o comprava era o lixeiro. Ele saltava do caminhão de lixo, entrava, comprava o jornal anarquista italiano e depois saltava de volta. Os anos 1950 eram assim”.⁸

Somado ao formato pouco usual, livros de bolso e com capa mole, em vez de apostar em autores conhecidos na cena literária, Ferlinghetti buscou poetas distantes do cânone conservador da primeira metade dos anos 1950. Os quatro primeiros títulos pela editora, *Retratos do Mundo Passado* (seu primeiro livro de poesia), *poems of love and exile* (Kenneth Rexroth), *poems of humor and protest* (Kenneth Patchen) e *Uivo* de Allen Ginsberg sublinham a linha editorial disruptiva para a época. E foi precisamente este último, o livro de estreia de Ginsberg, que espalhou o nome da editora pelo país, do Pacífico ao Atlântico. Não obstante a publicação de *Uivo* e da aproximação feita por críticos literários de Ferlinghetti aos *beats*, o poeta/editor, com frequência, se afastou de tal filiação. “Enquanto os beats estavam fazendo suas loucuras, enquanto eles estavam com o ‘pé na estrada’, eu estava em Paris, fazendo doutorado (...) Minhas influências foram muito mais francesas que americanas”,⁹ considerou. Dizia preferir ser chamado de “o último boêmio” a ser classificado como um dos “primeiros *beat*”.

Ginsberg, no início dos anos 1950, já era uma figura com certo reconhecimento no lado leste dos Estados Unidos, sobretudo, pelos escândalos da década anterior na Universidade de Columbia, época em que conheceu Jack Kerouac e William Burroughs. Após esse período, no qual

experimentou não somente novas amizades como substâncias consideradas drogas psicoativas e uma intensa paixão por Neil Cassady, o poeta decidiu perambular. Na volta de viagens ao México e à Cuba fixou-se temporariamente em São Francisco. Na cidade conheceu seu companheiro Peter Orlovski e inúmeros poetas da chamada “San Francisco Renaissance”. Ao lado de Gary Snyder, Phillip Lamantia, Philip Walen, Michael McClure, participou em outubro de 1955, da histórica leitura de poemas na Six Gallery. Na ocasião apresentou seu “uivo” pela primeira vez.

Conhecido posteriormente pelos inesquecíveis versos iniciais, “Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus/ arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca/ de uma dose violenta de qualquer coisa”¹⁰, a difusão do *Uivo* provocou a prisão de Ferlinghetti e do livreiro da City Lights, Shig Murao, acusados de “obscenidade”. Em uma época na qual “o governo — em particular o FBI — sabia que eles podiam fazer várias organizações contraculturais desaparecer apenas por indiciá-las”,¹¹ a City Lights contou com apoio de artistas em todo o país.

Defendidos pelo Sindicato Americano de Liberdades Civis (ACLU), Ferlinghetti e Murao foram inocentados ao fim de um longo processo. Ecoando a desobediência civil de Henry David Thoreau, mais tarde, sobre a possibilidade da prisão, o autor de *o parque de diversões* afirmou: “Eu estava preparado para passar alguns meses na cadeia; eu podia ler muita coisa — e não me incomodaria tanto”.¹² Para além da resistência ao conservadorismo dos costumes, a publicação de Ginsberg enfrentou também o estado comportado em que sobrevivia a dita poesia “progressista” no país. Naquele momento, segundo Claudio

Willer, o modelo a ser seguido era T.S. Eliot. William Blake e Walt Whitman sequer eram mencionados como procedências pelas universidades e o poeta William Carlos Williams, mesmo morando a vinte quilômetros da Columbia University, jamais havia sido convidado a dar uma conferência em seu campus.¹³

No rescaldo do livro de Ginsberg e de outras publicações, a coragem anarquista do poeta/editor seguiu com força mesmo em meio às perseguições morais e fascistas da sociedade estadunidense, ampliadas durante a década de 1960. “A mentalidade fascista persiste através do mundo; ela fica voltando por isso você tem que continuar batendo (...). Nos anos 1960 nós fomos presos por vender o *Love Book* de Lenore Kandel e os quadrinhos *Zap*”,¹⁴ argumentou. Logo no início da década, marcada pelas inúmeras revoltas incluindo a afirmação pelo amor livre, em um poema de 1961, observou: “*As roupas íntimas estão por trás de tudo/ Tome por exemplo a origem das vestes/ Elas são realmente formas fascistas/ de governo subterrâneo*”.¹⁵

Ferlinghetti iniciou a década transformadora com *Partindo de São Francisco* (1961), livro que contém o poema citado acima. No mesmo ano se aproximou de Diane Di Prima. A neta de Domenico Malozzi, ácrata próximo de Tresca e Emma Goldman, Di Prima também é pouco conhecida por seu anarquismo, vivido e apresentado em suas *Revolutionary Letters*, editadas pelo próprio Ferlinghetti em 1971. Sobre o primeiro encontro, em “City Lights 1961”, a poeta elenca a generosidade do editor, isto é, os livros recebidos por ele de presente, o espaço da livraria/editora abrigo de conversas com a participação simultânea de militantes e crianças e ainda, o *happy hour* nos bares e cafés ao lado, marcado pelas “noites

lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste

com drag queens & revolucionários para curtir algumas canções/ e olha só, a City Lights ainda brilhava como um velho farol/ embora tudo em volta já estivesse apagado”.¹⁶

O poema de Di Prima escancara uma das alegrias de Ferlinghetti: a editora/ livraria aberta sete dias por semana (diariamente até a meia-noite). Somado a isto, o texto situa a City Lights como um dos espaços mais radicais de São Francisco ao longo da década. Intensificando uma perspectiva liberada de Estado, um ano depois de publicar *O significado secreto das coisas* (1968), em uma breve entrevista concedida a David Meltzer, Ferlinghetti concluiu: “fico emputecido com as pequenas editoras aceitando dinheiro do governo (...). A primeira coisa para um poeta, e também para uma editora independente, é levar um tipo de vida que não o comprometa com o sistema”.¹⁷ E sobre a City, quinze anos depois da inauguração, completou: “nunca existe nenhum dinheiro desde que a porra do governo é pago! De qualquer forma, existem muitas pessoas que vivem da livraria. Seis ou oito pessoas trabalham lá, o que é uma forma interessante de viver, para dizer o mínimo”.¹⁸

Com quatro livros publicados, os anos 1970 foram prolíficos para a poesia de Lawrence Ferlinghetti. Diante da captura de parte dos questionamentos eclodidos em 1968, bradou: *“Poetas, saiam de suas tocas,/ Abram suas janelas, abram suas portas,/ Chega de viver socados/ em seus mundos estanques (...) Não esperem chegar a Revolução,/ senão ela chega sem vocês/ (...) Poesia o coletivo geral/ para o transporte público/ para lugares mais altos/ que quaisquer outros veículos/ (...) Ainda não construíram as barricadas,/ as ruas ainda estão cheias de caras,/ belos homens & mulheres ainda andam nelas,/ belas criaturas ainda em toda parte,/ nos*

olhos de todos os segredos de todos/ ainda enterrado lá,/ os filhos selvagens de Whitman ainda dormem lá,/ E caminham ao ar livre ao despertar".¹⁹

Todavia, em meio aos quatro livros lançados ao longo da década, os anos 1970 marcaram também o início de despedidas dolorosas como a do amigo Kenneth Patchen e a de Harvey Milk. Em "os velhos italianos morrem", publicado sugestivamente no livro *As Paisagens de Vida e Morte* (1979), escreveu: "*os velhos anarquistas lendo 'L' Umanita Nova'/ os que amaram Sacco e Vanzetti/ Quase todos eles já se foram*".²⁰ Confirmando a própria consideração feita em 1977, "supostamente pessoas envelhecem e se tornam conservadoras. Parece que eu estou em direção contrária"²¹. Na ultrapassagem da década se aproximou dos ecologistas radicais estadunidenses. Declarou apoio às ações diretas e práticas de sabotagens como as inspiradas por Edward Abbey, e que faziam, segundo ele, grupos como Sierra Club e Greenpeace parecerem conservadores.²²

No Brasil, Lawrence Ferlinghetti, isto é, os seus poemas, começaram a circular pela editora Brasiliense no início dos anos 1980 e um pouco depois pela L&PM. Na época, início da chamada abertura política, depois de quase vinte anos de ditadura civil-militar, somado aos interesses pelos beat por médias e grandes editoras, o editor Robson Achiamé espalhava libertariamente livros anarquistas para todo o país. Nesta década, simultaneamente a seu desembarque no sul do continente, Ferlinghetti se aproximou das primeiras movimentações escandalosas de punks, incentivando, ao lado de Allen Ginsberg, zines como o *Search & Destroy*. Atento às novas movimentações políticas dos anos 1980 e começo dos 1990, salientou a incompatibilidade da convivência do que entendia como

lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste

ecologia com a política. “No Congresso Americano não existe oposição. Os dois partidos, Republicano e Democrata, são devotos da perpetuação e extensão pelo mundo do capitalismo industrial e corporativista. Quando num país existem dois partidos que são adeptos dessa prática, a ecologia não tem nenhuma chance”,²³ arrematou.

Nas duas últimas décadas de existência, no final do século XX e início do XXI, Ferlinghetti seguiu escrevendo, editando, pintando e agitando São Francisco. Averso aos chamados “poetas de linguagem”, evitava convites para falar do seu “processo” de escrita. “Se eu recitar poesia em uma universidade, atualmente evito o trecho de perguntas e respostas após a leitura, porque as perguntas são sempre sobre o processo (...). Por isso eu nunca tenho sessões de perguntas, porque a ideia da poesia é deixar as pessoas inebriadas e se você tem uma sessão de perguntas e respostas é uma queda completa — traz tudo ao nível da prosa”,²⁴ alertou em conversa com V. Vale no início dos anos 2000. E foi desta maneira, vivendo com poesia, que ele chegou a centenário, em 2019. Nos últimos anos, mesmo sem conseguir ler, produziu poemas de resistência às violências do governo de Donald Trump, mensagens que circularam de jornais às mais variadas redes sociais.

Lawrence Ferlinghetti morreu em 22 de fevereiro de 2021, poucos meses depois de Diane Di Prima (25 de outubro de 2020). Apesar de pouco mencionado nas notas acerca de sua vida, o anarquismo experimentado por ele desde o final da Segunda Guerra o tornou constantemente aberto às transformações éticas e estéticas da existência. Foi como um anarquista que ele possibilitou a circulação de livros contundentes de brochura, tamanho de bolso, mais baratos; foi como anarquista que inventou um outro

espaço, uma livraria aberta diariamente até a madrugada, frequentada por revolucionários, crianças, drag queens e que segue agora em funcionamento como uma das mais duradouras Zonas Autônomas Temporárias²⁵ que se tem notícia; foi como um anarquista que ele enfrentou o tribunal diversas vezes pela liberdade de poetas e escritores.

“Antena da praça”, como alguém o definiu, Lawrence Ferlinghetti, assim como outros artistas pouco estudados pela própria história das revoltas libertárias, empolgou muitas das escandalosas insurgências ocorridas desde a segunda metade do século XX, dos beats, passando por hippies, punks, ecologistas radicais, queers. Registrar aqui neste texto alguns de seus episódios serve para que, no presente, a língua dos anarquistas viva, muito viva e invente novas e outras histórias de batalha e prazer.

Notas

¹ “Autobiografia” de Lawrence Ferlinghetti. “Um parque de diversão da cabeça” in *Vida sem fim*. Tradução de Nelson Ascher, Paulo Leminski, Marcos A. P. Ribeiro, Paulo Henriques Britto. São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 70.

² “Estou Esperando”, Idem pp. 77-78.

³ “Autobiografia”, Ibidem, p. 63.

⁴ Segundo Woodcock nesta ultrapassagem dos anos 1940, os anarquistas nos Estados Unidos eram empolgados não somente por refugiados espanhóis e italianos, mas, em especial, por escritores que conheceram o anarquismo por meio de leituras de Oscar Wilde e William Godwin.

⁵ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V. Vale” in Fabio Massari (org). *Alguém come centopéias gigantes?* Tradução de Alexandre Matias. São Paulo, Ideal, 2015, pp. 237.

lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste

⁶ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti para David Meltzer” in Sérgio Cohn (org). *Geração Beat*. Rio de Janeiro, Azougue, 2010.

⁷ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V. Vale” in Massari, op. cit, p. 237.

⁸ Idem.

⁹ Entrevista concedida a Rodrigo Garcia Lopes in *Vozes e Visões. Panorama da Arte e da Cultura Norte-Americanas Hoje*. São Paulo, Iluminuras, 1996.

¹⁰ Allen Ginsberg. *Uivo (Kaddish e outros poemas)*. Tradução de Cláudio Willer. Porto Alegre, L&PM, 1984, p. 41.

¹¹ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V.Vale” in Massari, op. cit, pp. 237-238.

¹² Idem.

¹³ Cláudio Willer. “Allen Ginsberg, poeta contemporâneo” in Ginsberg, op. cit., p. 16.

¹⁴ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V. Vale” in op. cit, p. 234.

¹⁵ “Roupas Íntimas” poema de Lawrence Ferlinghetti publicado em “Partindo de São Francisco” in Ferlinghetti, op. cit., p. 89. Tradução de Gustavo Simões.

¹⁶ Poema publicado na revista *C H E I A*. São Paulo, É selo de língua, outubro, 2020.

¹⁷ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti para David Meltzer” in Cohn, op. cit.

¹⁸ Idem.

¹⁹ “Manifesto Populista” poema de Lawrence Ferlinghetti publicado em “Quem somos nós agora” in Ferlinghetti, op. cit., pp. 188-192. Tradução de Gustavo Simões.

²⁰ “Os velhos italianos morrem” poema de Lawrence Ferlinghetti publicado em “Paisagens de vida e morte” in Idem, p. 211. Tradução de Gustavo Simões.

²¹ Ver no obituário publicado pelo New York Times. Disponível em <https://www.nytimes.com/2021/02/23/obituaries/lawrence-ferlinghetti-dead.html>
Acesso em: 09/04/2021.

²² Entrevista concedida a Rodrigo Garcia Lopes in *Vozes e Visões. Panorama da Arte e da Cultura Norte-Americanas Hoje*. São Paulo, Iluminuras, 1996, pp. 128.

²³ Idem, p. 127.

²⁴ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V.Vale” in Massari, op. cit., p. 239.

²⁵ Aqui faço uma referência ao conceito de Hakim Bey de Zonas Autônomas Temporárias (TAZ). Bey define as TAZ como experiências ocorridas realmente como levantes e insurreições. A partir destes acontecimentos mostra como o anarquismo, mesmo que durante uma breve temporada, ou por décadas como a City Lights, não é um fracasso. Pelo contrário, segundo ele, o anarquismo, diferente de outras perspectivas socialistas acontece e desaparece a todo instante.

Resumo

O texto apresenta o anarquismo do poeta e editor Lawrence Ferlinghetti (1919-2021), inventor da City Lights, editora que existe há quase seis décadas em São Francisco, na Califórnia.

Palavras-chave: Ferlinghetti, anarquismos, poesia.

Abstract

The text presents the anarchism of the poet and editor Lawrence Ferlinghetti (1919-2021), inventor of City Lights, a publisher that has existed for almost six decades in San Francisco, California.

Keywords: Ferlinghetti, anarchism, poetry.

Lawrence Ferlinghetti: a tongue that resist, Gustavo Simões.

Recebido em 29 de março de 2021. Confirmado para publicação em 29 de abril de 2021.